SÁBADO, 9 DE MAIO DE 2009

Segunda Parte do enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca (Caps. 4 a 8)

por Miguel de Seiva-Antes Tu-verás, autor da primeira parte

Dirigida a Don Salame de Casca, conde do Sacomã, do Alto e do Baixo do Ipiranga, marquês de Gentil de Moura e membro da câmera de sua Majestade, comendador dos Sorocabanos e do Grito, vice-rei, governador e capitão geral do reino de Independência e presidente do Supremo Conselho de Malindrania.

Capítulo Quarto

De como o Cavaleiro da Taturana Figura revelou o segredo de sua capa para Albancho Melança.

Cavalgando lentamente pelos confins da Mooca, Albancho Melança resolveu pedir mais revelações para o Cavaleiro da Taturana Figura. Há muito tempo intrigava-lhe aquela capa que seu amo usava no inverno, e aquele *beret*, que seu amo julgava dar-lhe estilo, personalidade e singularidade, apesar desse artigo fazer parte do armário de qualquer simplório da população francesa.

“Amo amado. Tenho ainda uma questão para vossa mercê”.
“Pois diga filho, estou aqui para te servir, embora você deva me servir também”.
“Para mim sempre foi um mistério de onde vossa mercê tirou aquela capa que usa no inverno, mesmo que as temperaturas na Mooca nunca baixem de menos de 3 positivo, isso no inverno mais rigoroso. Alguns dizem que é a capa do Batman, mas eu não tenho vocação para Robin. Outros dizem que é a capa do Zorro, e por isso querem me associar ao Tonto”.
“De Tonto não tens nada, pois esses continuam pobres até o fim da vida”, interrompeu Don Furioso.
“Se não é a capa do Batman, nem do Zorro, de quem é?”
“A capa não pode ser do Batman, nem do Zorro, porque além de norte-americanos, eles não pertencem à cavalaria andante. A minha capa vem da Europa”.
“Don Juan! Já sei! É a capa de Don Juan!”
“Cala-te mentecapto! Que é claro que não pode ser de Don Juan! Olha bem para minha cara”. Albancho aproximou-se bem perto da Taturana Figura.
“Estou olhando”, retrucou.
“Pois bem. Há aqui algum Don Juan? Algum charme nessa cara?”, perguntou Don Furioso desafiando o escudeiro.
“É”, retrucou Albanho, “está um pouco enrugada. Talvez um botox...”
“Cala-te cretino insolente! Pensa que sou o Berlusconi? Minhas mãos são limpas; tão puras e humildes que santifico tudo que toco”.
“Perdão amo. Achei que aceitaria uma esticadinha aqui e ali. Mas se não é Don Juan, pelo menos, diga lá, a capa vem da Espanha”.
“Filho. Filho presta atenção. Vou te prevenir. Sou um homem do espírito e não da carne. A capa não vem da Espanha, pois não gosto das igrejas espanholas, mas confesso que você acertou ao dizer que ela vem da Europa”.
“Ah! Eu sabia! Vossa mercê foi buscá-la na Europa! Então a capa é do Sherlock Holmes! Elementar meu caro Don Furioso!”
“Fecha essa matraca, o cabeça chata, o cabra da peste! Eu odeio inglês, eu não sei enrolar a língua, nem por a língua no meio dos dentes para o tal *th*! Você não sabe nada”.
“Que raios de capa, então, é essa!”
“Vou te revelar um grande segredo”.
“Muito obrigado, meu amo. Eu não seria nada sem ti”.
“Essa capa eu trouxe da Transilvânia”.
“Meu Deus! É a capa do Drácula!”
“Isso filho, isso filho. Mas eu sou espiritual e não carnal, como expliquei”.
“O senhor é o Bento Carneiro? O vampiro brasileiro?”
“Repito, filho. Eu sou espiritual e não carnal. Eu sou vampiro, mas chupo

o sangue das almas, não dos corpos. Eu domino as almas muito além de Bento Carneiro. Eu sou o vampiro dos jovens, o verdadeiro Chupa-cabra do Belenzinho, porque sugo o sangue do cabra até ele se inclinar diante de mim. Todo mundo sabe que atrás da cruz está o diabo! O meu domínio é absoluto e impregnado. Ninguém se livra de mim. E eu murmuro, maldigo e condeno as pessoas. As almas são minhas! Só um anjo pode dominá-las como eu faço! Legião! Eu sou o vampiro dos espíritos!"
"Cruz credo! Capa dos infernos!"
"Mas fique calmo não diga nada a ninguém".
Albancho resolveu aceitar a missão. Esse segredo jamais seria revelado. Ele tiraria várias fotos de seu amo com aquela capa, e colocaria inclusive uma delas como salva-telas de seu laptop.

Capítulo Quinto

De como Don Furioso admitiu que estava cansado dos ingratos.

Andando pela Mooca, já próximo de casa, o Cavaleiro da Taturana Figura confessou para seu escudeiro que estava cansado.
"Estou cansado, filho. Cansado dos ingratos que colecionei na minha longa vida de cavaleiro andante. Acabei, pelo menos, com a boa fama de todos eles!"
"Mas eles eram amigos! Precisava maldizê-los assim?"
"Tudo é necessário para manter minha boa fama, meu bom domínio e minha boa imagem. E olha, filho, que eu não faço alarde de minhas boas obras, porque não quero que entre em meu coração a hipocrisia e a vangloria, inimigos que brandamente se apoderam do coração mais recatado. Agora estou velho. A velhice é a idade em que o homem deveria ser universalmente reconhecido pela sua honra, caridade, obediência e amplo ciclo de amizades. Mas eu não tenho nada disso. Quis deixar para a posteridade a fama de santidade, mas o filho das trevas me traiu. E entro para a história como o Chupa-cabra do Belenzinho".
"Sou obrigado a concordar".
"Cala-te, servo atrevido e ingrato", retrucou furioso o Cavaleiro da Taturana Figura. "Julgue de tuas cavalarias e não te metas em julgar os temores e as valentias alheias".
"Perdão meu amo, apenas achei..."
"Já te falei mil vezes que o que tu achas não vale nada".
"Um desses ingratos resolveu por a boca no mundo!".

“Que foi agora?”
“Antes de qualquer coisa, ele diz que tudo que ele disser será usado depois por Vossa mercê, a seu modo, contra ele”.
“Deixa o metido a sabichão! Ele vai se estropiar comigo!”
“Ele anda dizendo que ele foi expulso da cavalaria andante, mesmo não tendo cometido nenhum escândalo, apenas por ter se desentendido com Vossa mercê, em algo que nem era grave”.
“Filho, filho, entenda o que ele não entende: contrariar-me, não importa muito em que, é muito grave. Ele não entende nada”, e soltou uma gargalhada, acompanhada por Albancho. Riam de modo tão afetado que pareciam a dupla *Beavis and But-head* (sic).
“E diz que Vossa mercê quer controlar tudo, principalmente as amizades, contando, aumentado ou criando faltas dos outros para “prevenir” as pessoas a ficarem contra o dito cujo, e então ficar com a fama de Cavaleiro Zeloso da Taturana Figura. E, ainda, como se Vossa mercê fosse um grande sábio da gramática portuguesa – coisa que, admitamos, o senhor está longe de ser, com seu português colegial e sem estilo elevado, e sua insistência no pleonasmo “há muitos anos atrás” – fica ridicularizando o texto dos outros, caçando erros de concordância e uso indevido de pronomes, quando seu próprio texto tiraria nota baixa no ENEM, para nem falar da FUVEST, vestibular que o reprovou”.
“Ora, ora, o engenheiro que pensa ser poeta! Ele esquece que sou o Cyrano da Cavalaria andante”
“Acusa-o de abusar de sua autoridade conquistada com muita retórica e sadismo para meter-se na vida das pessoas, ditando desde o tipo de calça que devem vestir até com quem podem ou não podem dirigir a palavra. Isso para não falar nas brigas familiares que Vossa mercê causa”.
“Brigam por meu nome! Não é isso maravilhoso! E pensam que brigam por causa de Cristo, quando o real motivo de todas as desavenças é o meu nome! Bendito seja o que vem em nome de Don Furioso!”
“E ainda, que Vossa mercê faz julgamentos sem chamar o réu para se defender, no melhor estilo farisaico! Afirma que o senhor institui um tribunal iníquo e tendencioso; emite juízos temerários; falta com a caridade, por acusar pecados alheios a terceiros sem falar antes e tentar advertir e converter o “pecador”; emite laudos de psiquiatria sem permissão legal ou competência para tal; emite juízos sobre o estado de graça das pessoas, definindo quem peca e quem não peca. E conclui dizendo que, em teoria, todo mundo concorda em dizer que Don Furisoso não é inerrante. Na prática, porém, todos os cavaleiros andantes procedem como se fosse. Nesse momento, ele mesmo bateu no próprio peito!”

“Olha aí, o homem que é exemplo de justiça”, ironizou Don Furioso coçando a cabeça apenas com um dedo, esticando os outros no ar como as pernas de uma dançarina de balé. “Como ousa desafiar meu julgamento? Por isso que esse aí não tem lugar a meu lado. Ousa me contrariar! Um absurdo!”
“E ele conclama o Boi mudo da Sicilia para explicar que as murmurações de Vossa Mercê são gravíssimas, pois segundo o pensamento aquinense, a murmuração é uma falta mais grave que a difamação”.
“Hah!”, exclamou bufando, “Agora esse aí virou teólogo!”
“E ainda o chamou de pequeno tirano! Adolfurioso! O senhor seria o Chaves e, eu, o Kico!”
“Pequeno tirano? Eu sou um monarca, um senhor feudal!”
E chegaram à casa de Don Furioso.

Capítulo sexto

Que trata do escândalo do Monsalão

Ao chegarem à porta da casa de Don Furioso, que na cabeça dele era castelo, pois havia mandando erguer uma torre, Albancho resolveu contar que haviam descoberto todo o esquema que eles armaram que ficou conhecido como o escândalo do Monsalão, pois o **O** havia se intrometido no lugar do **E**, para poder dar um ar mais francês, brincando com o pronome possessivo *mon*.
“Descobriram tudo”, iniciou Albancho, “nosso esquema do Monsalão”.
“Tudo? Tudo?”, indagou Don Furioso.
“Tudo, tudo, não, porque é impossível, mas muito”.
“Que foi que descobriram?”
“Descobriram que temos um monte de laranjas, e que eles recebem uma grana boa por mês para emprestar o nome nesse jogo cítrico. São muitas laranjas. Laranjas gordas, laranjas magras, laranjas barbudas, bigodudas e sem bigode ou com a barba por fazer. Laranjas que têm bafo e não escovam os dentes; laranjas inimigas do desodorante e violentamente anti-perfumes; laranjas masculinas e femininas, laranjas solteiras, casadas, com ou sem filhos. Descobriram que nosso esquema é uma grande feira, e que toda laranjada está comprometida conosco até o bagaço. Uns engolem o caroço e fecham a matraca; outros, com síndrome de suco, na primeira espremida fazem água”.
“Esses sucos covardes a gente manda para goela!”

“Ele descobriu que nossas laranjas correm risco de ir para a cadeia e que todas as nossas grandes obras foram financiadas pelo meu esquema com empresas e o recolhimento de arrecadação oriunda dos contribuintes”.
“Fale baixo uma coisa dessas!”
“Mas foi por uma boa causa! Tudo bem! É válido! Ficou bonito. Foi bem empregado o dinheiro do contribuinte”
“E o esquema com aquela empresa?”, perguntou Don Furioso.
“Pois é, descobriram que o tal funcionário contrata prestadores de serviço para depois cobrar pagamento por fora para mantê-lo e que usa as informações da empresa para ganhar “um por fora” de outras empresas”.
“Vamos desmentir tudo. Com minha autoridade, ninguém vai duvidar que tudo isso não passa de calunia. Vamos dizer que são todos invejosos e que na verdade eles queriam era entrar também no esquema do Monsalão. E no fim, esse Monsalão terá o mesmo fim do Mensalão, ou seja, vai acabar em reeleição! Don Furioso, o senhor feudal vitalício! Um brinde aos laranjas!”, e levantou a lança como se fosse brindar.

Resolveram entrar no castelo do Cavaleiro da Taturana Figura. Don Furioso não se importava com o ditado espanhol que diz que todas as riquezas que se ganham em tais empreitadas são a custo de se perder o descanso, o sono e a boa fama.

Capítulo Sétimo

Que trata do sonho de Don Furioso e de suas aventuras na gruta de Monfesinos

Em casa, Don Furioso avisou seu escudeiro que precisava deitar um pouco. Ele ficou na sala esperando um longo tempo. O Cavaleiro da Taturana Figura foi sozinho ao quarto e tirou a amadura para colocar seu pijama. Vestiu a calçola de algodão e abotoou a camisa vermelha do pijama e meteu sua toquinha com uma bola na ponta na cabeça. Se ao invés de bola fosse uma mão, ele ficaria parecido com o Didi, mas como Don Furioso não gostava de sua imagem associada à artista de circo, nem diretor de hospício, não poderia por a luva na cabeça. Fantasiado, foi se deitar.
Don Furioso estava tão imensamente cansado que logo dormiu. Algum tempo depois, virava-se e debatia-se na cama. Na verdade, o Cavaleiro da Taturana Figura estava sonhando. Sonhava que estava numa gruta quase trinta metros abaixo do solo. Ele caminhava sozinho pela gruta, até que avistou um Alcázar. Imaginou estar em Toledo.

Depois viu que não era, pois alguém se aproximava e não parecia falar castelhano.
“Espero-te há tempos, valoroso Don Furioso de la Mooca”.
“Tu és?”
“Acalma-te. Sou Monfesinos, o mesmo que dá nome a este lugar. Entre na barca comigo, vamos viajar por esse lugar. Verás a força da cavalaria andante”.
E Don Furioso aceitou o passeio de Monfesinos. Depois de algum tempo navegando, Don Furioso começou a identificar pessoas que apareciam diante dele.
“Nossa olha aquele!”, exclamou Don Furioso, “Filho! Filhinho! Filhinha! Filha! Filho! Filho! Filhinho! Filinho! Filho! ..... Mas estão todos aqui! Meus filhos espirituais!.....Ei! Onde eles estão indo?”
“Estão aproximando-se. Juntando-se perto daquelas chamas. Estão pegando partituras!”
“Olha o negrinho na frente! Que está fazendo com o diapasão?”
“Espere”
“Eles vão cantar! Cantar em Monfesinos!”
“Eles já cantaram em muitas grutas! No Brasil, em Portugal, na Itália! E agora estão em Monfesinos!”
“Que maravilha!”
“Agora vamos nos calar, eles vão cantar para ti!”
E então, reunidos, começaram a cantar para Don Furioso.

Aqui tem um bando de louco!
Louco por ti, Furioso!
Aqueles que acham que é pouco.
Eu vivo por ti, Furioso.
Eu canto até ficar rouco, eu canto pra te servir.
Vamos, vamos, meu Furioso.
Vamos, meu Furioso, não pára de brigar!

“Que maravilha! Sensacional!”, bradou Don Furioso eufórico. E eles continuaram...

Aqui tem um bando de louco!
Louco por ti, Furioso!
Aqueles que acham que é pouco.
Eu vivo por ti, Furioso.
Eu canto até ficar rouco, eu canto pra te servir.
Vamos, vamos, meu Furioso.
Vamos, meu Furioso, não pára de brigar!

E Don Furioso ficou tão emocionado que desabou em prantos.

Aqui tem um bando de louco!
Louco por ti, Furioso!
Aqueles que acham que é pouco.
Eu vivo por ti, Furioso.
Eu canto até ficar rouco, eu canto pra te servir.
Vamos, vamos, meu Furioso.
Vamos, meu Furioso, não pára de brigar!

Seguiram então na barquinha e ouviam o canto cada vez mais fraco. Distanciavam-se. Outra voz solitária, ao fundo, surpreendeu Don Furioso.
“Que é isso?”
“O Ninja”.
"A tartaruga?"
"Não, não é apenas o Japa.”
“Kon-nichiwa!”
“Que é isso?”
“Hidari. Migi. Hidari. Migi. Migi.Hidari. Ue. Shita.Ue. Shita”.
“Mas esse daí não fala coisa com coisa!”
“Na verdade ele é assim. Aprendeu bem contigo, Don Furioso".
“Tooku. Kyoukai”.
“Mas vamos seguir, Don Furioso, deixa o japa. Vou levar-te para o centro de depilação”, anunciou Monfesinos.
“Aparta-te de mim! Sou de minha donzela sem par, minha doce Ivocinéia de Doboso! Tu és escandaloso com essa tal depilação. Não sabes que depilação é coisa de mulher que não presta! Não há nada mais recatado que pêlos nas axilas e nada mais casto que pernas peludas!”
“Acalma-te. Não é nada disso. O centro de depilação é onde limpamos nosso complexo de lobisomen”.
“Complexo de lobisomen?”
“Sim. Esse complexo nos leva a crer que somos perseguidos pelos outros”.
“Não me venha com essa! Eu sei bem que o Fernandão é amigo do Merlin! Estás me enganando, traidor, traidor, traidor”, Don Furioso acordou transtornado, gritando furioso. Debatia-se. Então percebeu que se tratava de um sonho. Ouvindo a barulheira e gritaria, Albancho subiu correndo para o aposento de seu amo.

Capítulo Oitavo

De como Don Furioso imaginou profetizar sua morte.

O cavaleiro da Taturana Figura revelou ao escudeiro que estava apenas sonhando e que ele não precisava se preocupar.
Don Furioso permanecia deitado na cama. Ouvia-se dum rádio de algum vizinho da rua, que não se contenta em simplesmente escutar uma música, mas faz questão que todo mundo conheça seu gosto musical, a canção:
Um lencinho não dá para enxugar, o rio de lágrimas que eu tenho prá chorar...
Melança achou melhor fechar a janela e aproximar-se de seu mestre para escutá-lo profetizar de como seria seu fim. Se ouvissem Falstaff talvez eles compreendessem que aquela vida tinha sido uma grande farsa, com conseqüências terrivelmente trágicas para centenas de vidas. *Tutto nel mondo è burla. L'uomo è nato burlone*.
"Filho! Filhinho! Filho!"
"Sim meu senhor feudal!"
"Chegou a hora de te contar uma revelação que tive".
"Uma profecia! Que glória e honra viver ao lado de um profeta, ou pelo menos, um homem de visão!"
"Filho! Escuta este velho cavaleiro! Escuta como esta Taturana Figura há de morrer!"
"Não fale em morte! Vossa mercê viverá sempre em minha mente e em meu coração!"
"Filho! Eu sei como morrerei...Eu sempre falei para meus discípulos cavaleiros que seria morto com um tiro, dado por um deles. Ai que glória! Entrarei na primeira páginas do jornais! Até a radio Vaticana vai anunciar! E sempre fiz questão de repetir isso para eles, inúmeras vezes, para encorajá-los. Essa é minha tática: falo que um deles me matará... E puft! Um dia um acredita e faz!... E se der certo, ninguém vai mais duvidar que eu sou profeta, o fisgado".
"Seria realmente novelesco!"
"Sim! Eu sou o rei do gado! A boiada segue-me para eu onde for!"
"Vossa mercê seria a nova Odete Roitman, que dentro de seus próprios princípios, julgava-se muito boa, muito bem intencionada e com todos os direitos do mundo de fazer o que bem lhe parecesse, no melhor estilo: os fins justificam os meios!"

“Bem que se vê que não leste Maquiavel! Mas deixa-me concluir: Eu provoquei meus discípulos cavaleiros para esse trágico fim porque, com isso, entrarei para a história como um mártir!”
“Sim amo! És um mártir!”
“Agora estou fraco, apenas esperando o dia do cumprimento de minha última profecia”.
E Don Furioso permaneceu esperando a morte.

Epílogo

Amável e amargo leitor, eis que te apresento finalmente o epílogo. Já é mais que hora de deixar Don Furioso para que descansemos definitivamente dele. Que a caridade e a justiça que estiveram bem longe da Taturana Figura encontrem a divina misericórdia. E que essa divina misericórdia seja ainda mais misericordiosa com todas as vidas e as famílias destruídas pela tirania furiosa e sua protestantizante moral doboziana, pois os sucessos de Don Furioso são de se celebrar com grande indignação e riso.
Não há dúvida que deva ser ainda mais louco que seu amo, aquele que persiste fiel a Don Furioso depois de tantas sandices e maldades. Mas lhe chegará também sua hora, pois também para ele, a Taturana Figura se desmascarará.
Pacato e descontrolado leitor, antes de sair para conquistar o mundo, é melhor dar três voltas dentro da própria casa. A verdade resiste a todas as provas; e ainda que se ponha silêncio às línguas, não se pode calar a voz das plumas, as quais, com mais liberdade e mais atrevimento que as línguas, dão a entender a quem o queira e está livre do constrangimento e da opressão exercidas pelos tiranos. A pena é a língua da alma.

E viva! E viva! Tutti gabbati!
Irride l’un l’altro ogni mortal,
ma ride bem chi ride la risata final.

E mais não digo. Opa! Esse dizer eu conheço! Ainda vão dizer que é plágio, pois certas línguas não se acalmam jamais. Mas chega, senão teremos que recomeçar. O poeta Melchor de Santa Cruz que nos ajude ao dizer: Y *es tanto lo que habló, que aunque más no ha de hablar, nunca llegará el callar adonde el hablar llegó.*

Fim da Segunda e última parte de *O enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca*.

Postado por Gigante Caraculiambro

Anônimo disse...

Caro autor:

Ao homenzinho mirrado
Cuj´alma tanto fede
li seu texto dedicado
em internética sede

Fe ito de li nhas saborosas
Vai o texto burilando
Fiel retrato das indecorosas
Façanhas do tal...
Furioso

Anônimo disse...
Façanhas? Não! Peçonhas,
Vergonhas, mediocridades.
Artimanhas medonhas,
Embustes e imoralidades

POSTADO POR MALINDRANIA 2 ÀS 02:22